

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

Área Temática: Negociações Internacionais

Período de Análise: 01/02/2014 a 28/02/2014

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

Argentina, ruína pela política. Kátia Abreu – Folha de São Paulo, Colunistas. 08/02/2014.....	3
Agricultura vira foco de espionagem chinesa. John Eligon e Patrick Zuo – Folha de São Paulo, Mercado. 18/02/2014.....	4
Argentina cria um novo controle de grãos. Marli Olmos – Valor Econômico, Agronegócios. 20/02/2014	6
Noble Group tem lucro fraco em 2013 afetado por prejuízo no agronegócio. Rujun Shen – O Globo, Economia. 21/02/2014.....	6
Brasil quer acelerar acordo do Mercosul com UE, diz Dilma a empresários. Leandro Colon – Folha de São Paulo, Mercado. 24/02/2014.....	7
Presidente da CNA afirma que acordo de livre comércio será bom para o Brasil e para Europa – Site da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). 25/02/2014.....	8
Câmara de negociações internacionais é reativada – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 26/02/2014.....	9
Brasil ainda aguarda resposta da China para exportar milho. Tarso Veloso – Valor Econômico, Agronegócios. 26/02/2014	10
Presidente da Embrapa entra para conselho de fundo global agrícola. Fernando Lopes – Valor Econômico, Agronegócios. 27/02/2014	10
FETRAF participa de SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA AGRICULTURA FAMILIAR em PARIS/ FRANÇA – Site da Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura (FETRAF). 28/02/2014	11
Estatual chinesa Cofco negocia compra de 51% da trading Nidera – Valor Econômico, Agronegócios. 28/02/2014	12
Argentina retoma liderança no fornecimento de trigo ao Brasil. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 28/02/2014	12

Argentina, ruína pela política. Kátia Abreu – Folha de São Paulo, Colunistas. 08/02/2014

Alguém já disse, examinando a história, que não é verdade que as sociedades só caminham para a frente. A chance de retroceder é quase a mesma de avançar. Nada do que foi conquistado está garantido para sempre. A presente agonia da Argentina é mais uma triste lição sobre a fragilidade das conquistas humanas.

No começo do século 20, a Argentina era uma das nações mais ricas do mundo, com recursos naturais aparentemente ilimitados e uma renda por habitante superior à da maioria dos países hoje desenvolvidos. Atualmente, sua renda per capita é de pouco mais de US\$ 11.000 anuais, no mesmo nível dos demais países emergentes.

Sua economia está em ruínas, com produção estagnada e inflação de 30% ao ano. O desabastecimento é generalizado, as reservas cambiais estão no limite mínimo de segurança, esgotando-se rapidamente. Por fim, o país está com acesso vedado a todos os mercados de crédito internacional, privados e públicos.

O destino da Argentina é uma mostra apavorante do que pode fazer a loucura política. Um território pleno de riquezas e uma população educada não foram capazes de deter a destruição provocada por políticas públicas ruins inspiradas no populismo e na mais irresponsável demagogia.

Embora tudo tenha começado pelas mãos de um homem, a ruína argentina é uma obra coletiva, uma criação de muitos governos, de muitos políticos e até mesmo de uma parte do povo.

Olhar para a Argentina de hoje e para o caminho que se descortina à sua frente deve nos servir de advertência para o potencial destrutivo de decisões políticas equivocadas. As ideologias e a covardia diante de demandas insensatas podem arruinar uma sociedade por gerações.

Para o Brasil, no entanto, contemplar o declínio argentino com indiferença não é uma alternativa.

Como dizem os diplomatas do Itamaraty, nossas relações com a Argentina não são uma escolha, são um destino.

Nossas economias têm se integrado progressivamente, apesar dos problemas. Em alguns setores, como o automobilístico, já há um alto grau de complementaridade, com um volume de comércio bilateral superior a US\$ 15 bilhões.

Cerca de um quarto das importações argentinas provêm do Brasil e, em grande medida, são compostas de produtos manufaturados, que não conseguimos exportar para o resto do mundo.

No conjunto, temos obtido seguidos saldos comerciais, que só não são maiores em razão de medidas protecionistas. Elas podem ser explicadas pelo rápido esgotamento das

reservas cambiais argentinas e por sua incapacidade de financiar o balanço de pagamentos nos mercados financeiros.

Quando penso em tudo isso, chego à conclusão de que é do interesse nacional do Brasil de alguma forma apoiar a Argentina, se as coisas se complicarem, como é previsível. Se suas reservas se esgotarem e a taxa de câmbio disparar, desorganizando a economia e provocando um nível de inflação que desestabilize a própria sociedade, teremos que ter algum plano para socorrer o nosso vizinho e destino de boa parte das nossas exportações.

A grande questão é que, se forem mantidas as atuais políticas e o governo argentino continuar culpando empresários e economistas por problemas que derivam de fatores reais, qualquer ajuda será inútil. Tomar decisões difíceis nas áreas fiscal e monetária, além de abrir as instituições e o comércio para a iniciativa privada, são as escolhas que restam para salvar o país.

Nesse diapasão, o eventual socorro brasileiro deve ser parte de um pacote maior, condicionado à adoção de mudanças econômicas efetivas. Se houver condições políticas para tanto, deveremos apoiar uma iniciativa internacional, que poderia ser comandada pelo FMI e pelo Banco Mundial, entidades apropriadas para gerir programas de resgate.

É preciso pensar nessas ou em outras formas para apoiar a Argentina nos ajustes necessários na sua economia. É novamente uma emergência. Porém, desta vez, as medidas têm que ser de longo prazo.

Mas o Brasil não tem o direito de fazer recomendações a um país soberano, orgulhoso de seu direito de errar. Nada vai adiantar se a Argentina não se ajudar.

Agricultura vira foco de espionagem chinesa. John Eligon e Patrick Zuo – Folha de São Paulo, Mercado. 18/02/2014

O caso veio à tona em maio de 2011, quando o administrador de uma fazenda de pesquisas da DuPont no Estado de Iowa percebeu que havia um homem ajoelhado escavando o campo.

O homem, Mo Hailong, que estava com seu colega Wang Lei, disse que trabalhava para a Universidade de Iowa. Quando o administrador fez uma pausa para atender o celular, os dois saíram em disparada e fugiram.

Depois disso, seguiu-se quase um ano em que o FBI vigiou Mo e seus parceiros. Todos eles, exceto um, trabalhavam para o Beijing Dabeinong Technology Group ou para sua subsidiária Kings Nower Seed. Isso resultou na prisão de Mo, em dezembro, e no indiciamento de outros cinco cidadãos chineses pela acusação de furto de segredos comerciais.

Há muito tempo, a China está implicada em esforços de espionagem envolvendo tecnologia da aviação, fórmulas de tintas e dados financeiros. Mas o caso de Mo -que

foi recentemente transformado em réu em Des Moines, declarou-se inocente e permanece sob custódia- e de outro, separado, ocorrido no ano passado no Kansas, sugerem que a área agrícola está se tornando um alvo cobiçado.

É algo que analistas do setor temem que possa afetar a vantagem competitiva de fazendeiros e também das grandes empresas agrícolas americanas.

As autoridades disseram que os réus no caso Mo visitaram campos de teste de sementes em Iowa e Illinois que eram usados pela Pioneer, Monsanto e LG Seeds, grandes empresas do setor agrícola. Eles compraram um terreno para fazer seus próprios testes em Illinois, de acordo com a queixa na Justiça, e ocultaram as sementes furtadas.

As sementes que eles buscavam são chamadas de linhagem pura, o que significa que elas vêm de plantas de milho autopolinizadas. As plantas de linhagem pura são posteriormente cruzadas com outras de linhagem pura para a criação de sementes híbridas que depois são vendidas a fazendeiros -e elas são produzidas para serem resistentes a secas e pragas.

Uma variedade de linhagem pura leva de cinco a oito anos de pesquisas e pode custar de US\$ 30 a 40 milhões para ser desenvolvida, segundo promotores federais. Uma empresa ou fazendeiro pode replantar uma semente de linhagem pura furtada e usar as novas sementes para cruzar com linhagens puras separadas, produzindo um híbrido -atalho que evita anos de dispendiosas pesquisas.

O advogado de Mo nega que seu cliente tenha feito algo de errado.

No outro caso envolvendo sementes, Zhang Weiqiang, de Manhattan (Kansas), desenvolvedor de variedades para a Ventria Bioscience, empresa do ramo biofarmacêutico com sede no Estado do Colorado, e Yan Wengui, de Stuttgart (Arkansas), pesquisador geneticista para o Departamento de Agricultura dos EUA, são acusados de cederem a propriedade de sementes de arroz para pesquisadores da China, seu país natal. Zhang e Yan foram presos em dezembro.

Sementes estrangeiras compõem 80% do mercado chinês, disse Guo Ming, consultora especializada em produção de milho para uma empresa de agronegócio com sede em Pequim.

Os chineses não desenvolvem um híbrido de milho importante desde 2001.

Analistas dizem que um dos problemas é a fragmentação do setor de sementes na China, o que tem fomentado os roubos dentro do mercado, afirma Guo.

"Algumas empresas de comercialização de sementes apenas iam às fontes da criação para furtar sementes", disse ela.

"Algumas empresas produtoras de sementes terceirizavam a produção para agricultores, mas quando as sementes eram colhidas, os agricultores não as vendiam de volta para a

empresa que as produziu porque as companhias que comercializam sementes pagam mais."

Essas tradings vendiam as sementes obtendo um lucro exorbitante com um produto para o qual não tinham investido nada em seu desenvolvimento. "Essa é a cultura aqui", afirmou.

Argentina cria um novo controle de grãos. Marli Olmos – Valor Econômico, Agronegócios. 20/02/2014

BUENOS AIRES - Por meio de uma resolução publicada hoje no Diário Oficial, o governo argentino criou o chamado "registro de grãos". Para poder vender os grãos, sejam de produção própria ou de terceiros, o comerciante será obrigado a declarar tipo, peso e a qual colheita pertence. A medida entra em vigor em 1º de abril e será coordenada pela Administração Federal de Ingressos Públicos (Afip), equivalente à Receita Federal no Brasil. A declaração poderá ser feita na página da Afip na internet.

O setor agrícola representa hoje uma das principais esperanças de a Argentina conseguir elevar suas reservas cambiais, hoje em US\$ 27,7 bilhões. Deixar o peso desvalorizar-se 25% em janeiro foi uma tentativa do governo de forçar os produtores a liquidar contratos de exportação.

A expectativa é que a colheita de soja, que se inicia em março, seja recorde.

Noble Group tem lucro fraco em 2013 afetado por prejuízo no agronegócio. Rujun Shen – O Globo, Economia. 21/02/2014

CINGAPURA, 21 Fev (Reuters) - A comerciante de commodities Noble Group divulgou nesta sexta-feira uma queda de 48 por cento em seu lucro líquido de 2013, que também ficou abaixo das estimativas do mercado, conforme seu negócio de agricultura registrou um prejuízo operacional.

Prejuízos atribuíveis de associadas sete vezes maiores, a maioria de um investimento na Yancoal Austrália, também impactaram o lucro líquido da Noble em 2013, que alcançou 243,5 milhões de dólares.

Este número ficou abaixo da média entre estimativas, de 311 milhões de dólares, segundo a Thomson Reuters SmartEstimate.

A Noble não forneceu detalhes sobre o lucro do quarto trimestre. Em novembro, a companhia divulgou um lucro líquido de 127 milhões de dólares para os primeiros nove meses do ano.

O negócio de agricultura teve o melhor desempenho no trimestre, com seu lucro operacional mais que dobrando no ano, mas não conseguiu impedir que os resultados para ano inteiro para o segmento registrasse um prejuízo de 83 milhões de dólares,

depois que a produtividade de moagem de açúcar no Brasil ficou aquém das expectativas devido a fortes chuvas.

A companhia destacou uma melhora nas margens de moagem na China no segundo semestre de 2013 e margens menores na Argentina.

Brasil quer acelerar acordo do Mercosul com UE, diz Dilma a empresários. Leandro Colon – Folha de São Paulo, Mercado. 24/02/2014

Sob cobrança de setores da indústria e do agronegócio por um acordo com os europeus, a presidente Dilma Rousseff deve sinalizar hoje em Bruxelas que o Brasil está disposto a acelerar um acordo de livre comércio do Mercosul com a União Europeia.

Além disso, a presidente vai dizer que seu governo quer estreitar as relações com o bloco independentemente dos colegas regionais.

Dilma chegou ontem à Bélgica para a Cúpula Brasil-União Europeia. Terá encontros com dirigentes europeus, entre eles José Manuel Durão Barroso, presidente da Comissão Europeia.

Ela chega com a missão também de acalmar os ânimos dos países da UE, que recentemente entraram na OMC (Organização Mundial do Comércio) contra as políticas de incentivo do governo brasileiro à indústria local, o que, alegam, restringe a competitividade.

Ontem, em jantar com cerca de 30 empresários brasileiros num hotel em Bruxelas, a presidente ouviu apelos para que o Brasil acelere as negociações de livre comércio com os europeus. Eles alegam que a demora do Mercosul em chegar um consenso de proposta única atrapalha os planos dos setores brasileiros.

"Ela disse que estamos muito próximos de um acordo no Mercosul", afirmou Robson Andrade, da CNI (Confederação Nacional da Indústria).

"A presidente não escondeu que existem dificuldades, mas mostrou que há um empenho do Brasil", disse o presidente da Abit (Associação Brasileira da Indústria Têxtil), Fernando Pimentel.

Entre as lideranças que jantaram com Dilma estava também a senadora Kátia Abreu (PMDB-TO), presidente da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil).

ACORDO

Há uma expectativa de que os países do Mercosul cheguem a um consenso em março para apresentar uma proposta única de acordo comercial com a UE. Um fator da pressa é a eleição do Parlamento europeu, em maio, que pode influenciar nas negociações.

A troca de ofertas entre Mercosul e UE deveria ter ocorrido até o fim do ano passado, mas tem sido protelada. Um dos principais entraves é a Argentina, que, em meio à sua

crise econômica, resiste em pontos da negociação. Os europeus, por sua vez, também já colocaram obstáculos a um acordo. "Há dificuldades também do lado deles", diz o presidente da Abit.

Dilma não tem aval para falar hoje em Bruxelas em nome do Mercosul. Por outro lado, sabe que é uma oportunidade de deixar um caminho aberto de diálogo com a UE caso as conversas conjuntas com os parceiros sul-americanos emperrem.

Já se fala nos bastidores do governo da possibilidade de o Brasil apresentar uma espécie de Plano B, uma proposta única, com redução de tarifas de importação diferentes dos demais colegas regionais.

Ou seja, mesmo que evite tratar oficialmente sobre Mercosul, para evitar atritos com os colegas de bloco, Dilma deve deixar claro que a posição brasileira é por um acordo o quanto antes com a Europa.

O primeiro passo hoje deve ser a assinatura de acordos na área empresarial, tratando de investimentos, normatização de produtos e competitividade.

Presidente da CNA afirma que acordo de livre comércio será bom para o Brasil e para Europa – Site da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). 25/02/2014

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) está convencida de que a reunião de Cúpula Brasil-União Europeia (UE), realizada em Bruxelas nesta segunda (24/02), criou as condições para que haja avanços efetivos nas negociações de um acordo de livre comércio entre Mercosul e a UE.

"O acordo de livre comércio será bom para a Europa e bom para o Brasil", disse a presidente da CNA, senadora Kátia Abreu. "E acho que não falta mais nada para avançar: temos vontade política no Brasil e na Europa, e apoio dos empresários brasileiros e europeus", acrescentou, durante a mesa redonda do 7º Encontro Empresarial Brasil-UE, em Bruxelas.

O volume de comércio entre Brasil e União Europeia em 2013 ficou em US\$ 98,5 bilhões, com um saldo favorável aos europeus de quase US\$ 3 bilhões. As importações de produtos europeus fecharam em US\$ 50,7 bilhões e as exportações brasileiras para UE, somaram US\$ 47,8 bilhões - abaixo do pico registrado em 2011, de US\$ 53,2 bilhões.

Este ano, a situação se complica com a perda de preferências tarifárias antes concedidas ao Brasil no âmbito do Sistema Geral de Preferências da União Europeia, que poderia ser compensada se houvesse um acordo de livre comércio, na avaliação da CNA.

No ano passado, as exportações do agronegócio para a UE fecharam em US\$ 23 bilhões, quase a metade do total de vendas externas do Brasil para os europeus.

"Sabemos do potencial e da competitividade dos produtores europeus em vários setores dentro da agricultura e o agronegócio brasileiro não quer trazer prejuízos, mas quer complementar e retomar o mercado que tinha", disse a senadora no Encontro.

Em mesa-redonda com empresários brasileiros e europeus, Kátia Abreu lembrou que a UE se beneficiaria com o acordo porque o mercado brasileiro conta com 200 milhões de habitantes, dos quais 56% pertencem à classe média.

"Temos estudos mostrando que o mercado consumidor brasileiro, que hoje está em US\$ 2,2 trilhões, chegará a US\$ 3,5 trilhões em 2020, tornando-se o quinto maior mercado consumidor do mundo", destacou.

Aumento do comércio

Outra questão importante é que o acordo de livre comércio envolve serviços, unificação de regras sanitárias e fitossanitárias e procedimentos, além de redução de burocracia. Segundo estimativas da CNA, um acordo poderia aumentar em pelo menos 30% a corrente de comércio entre Brasil e União Europeia, com benefício para os dois lados.

Os europeus têm o maior estoque de investimentos estrangeiros diretos no Brasil e, na avaliação da CNA, um acordo permitiria manter o ritmo de aplicações anuais, fortalecendo a posição da UE como maior investidor no país.

Durante da reunião, a senadora Kátia Abreu destacou as oportunidades para investimentos europeus em projetos que beneficiariam o agronegócio, como a construções de portos, silos para armazenagem da safra de grãos e construções de estradas, ferrovias e hidrovias.

Assessoria de Comunicação da CNA em Bruxelas, Bélgica

Câmara de negociações internacionais é reativada – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 26/02/2014

Após mais de cinco anos, a Câmara Temática de Negociações Agrícolas Internacionais foi reativada. O 15º encontro do grupo ocorreu nesta quarta-feira, 26 de fevereiro, no auditório da Conab e contou com a presença do secretário de Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Marcelo Junqueira, do presidente da Conab, Rubens Rodrigues, de dirigentes das entidades privadas, entre outros. Cerca de 100 pessoas participaram do evento.

Segundo Junqueira, a câmara é um importante fórum para discutir e analisar as exportações do agronegócio. "Nós propusemos a reinstalação dessa câmara e o ministro Antônio Andrade acatou. Em nível de governo, nós já discutimos essas grandes negociações internacionais e queremos ouvir também a iniciativa privada", afirmou o secretário.

O ministro Antônio Andrade não pôde estar presente, mas registrou a importância e a responsabilidade dessa câmara temática. “As exportações agrícolas e agroindustriais requerem de todos nós uma atenção especial. A câmara deve nos conduzir aos planos de trabalho que permitam o acesso a mercados novos, a manutenção e expansão de mercados conquistados e a diversificação da pauta”, escreveu Andrade.

Promoção internacional

Marcelo Junqueira também comemorou o resultado das ações efetuadas no ano passado para promover os produtos do agronegócio brasileiro no exterior. Ao todo, foram gastos cerca de R\$ 3 milhões pelo governo federal para promover as empresas brasileiras de alimentos e bebidas em 12 feiras internacionais. As expectativas dessas empresas, a partir das participações nesses eventos, é que sejam gerados US\$ 500 milhões em negócios futuros.

Brasil ainda aguarda resposta da China para exportar milho. Tarso Veloso – Valor Econômico, Agronegócios. 26/02/2014

BRASÍLIA - O governo brasileiro ainda aguarda resposta da China para dar o sinal verde aos exportadores de milho. A assinatura do acordo fitossanitário entre os dois países em novembro não abriu o mercado aos produtores, que não estão exportando o grão para os asiáticos. Falta a aprovação dos chineses da "lista de exportadores" enviada pelo Ministério da Agricultura.

Segundo uma fonte do Ministério da Agricultura, a lista é a última etapa necessária para colocar em prática o tratado assinado em novembro. O ponto principal já foi fechado — a assinatura do acordo fitossanitário que definiu alguns padrões de qualidade do produto a ser embarcado para a China.

Em seguida, foi enviada a lista de produtores que se encaixavam nos padrões chineses. Falta agora o sinal verde dos asiáticos em relação à lista.

O secretário de Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Marcelo Junqueira, disse que o governo está na “expectativa” de exportar boas quantidades para os chineses. Ele afirmou que o assunto será uma das prioridades da Câmara Temática de Negociações Agrícolas Internacionais. A 15ª reunião ordinária está sendo realizada hoje, em Brasília, no auditório da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Presidente da Embrapa entra para conselho de fundo global agrícola. Fernando Lopes – Valor Econômico, Agronegócios. 27/02/2014

SÃO PAULO - Mauricio Lopes, presidente da Embrapa, tornou-se nesta semana um dos seis novos membros do conselho-executivo do Fundo Global da Diversidade Agrícola (Global Crop Diversity Trust). Como os demais cinco “calouros”, informou a Embrapa, Lopes foi eleito pelo corpo diretivo do Tratado Internacional sobre os

Recursos Fitogenéticos para a Alimentação e a Agricultura e pelo conselho de doadores do fundo.

Em comunicado, Lopes afirma que instituições como o fundo “são fundamentais para garantir a disponibilidade permanente de diversidade de culturas para o nosso desenvolvimento sustentável”.

FETRAF participa de SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA AGRICULTURA FAMILIAR em PARIS/ FRANÇA – Site da Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura (FETRAF). 28/02/2014

Durante todo dia 26 a FETRAF BRASIL/CUT participou do Seminário internacional da agricultura familiar em Paris/França

Durante todo dia 26 a FETRAF BRASIL/CUT participou do Seminário internacional da agricultura familiar em Paris/França. O seminário acontece no contexto do Ano Internacional da Agricultura Familiar de 2014, sendo uma realização do governo francês pelo Ministério da Agricultura, Alimentação e Florestas (MAAF), em parceria com os Jovens Agricultores (JA) e franceses Agricultores e Desenvolvimento Internacional (AFDI).

O Tema central do seminário a "A agricultura familiar, o futuro da agricultura?" permeou o debate com uma troca de saberes, experiências exitosas e iniciativas dos agricultores, e lideranças camponesas de vários países com o objetivo comum de identificar as alavancas que permitem aumentar as vantagens da agricultura.

O tema da juventude foi tratado com relevância no debate, discutindo a instalação dos jovens como estratégia para uma agricultura bem sucedida, a mesa animada pela jornalista Laure NOUHALAT, e introdução do debate coube a BERTTRAND VILLAREAL CGAARET Vice chair, e contou com a participação do jovem agricultor francês EMILLIEN PIROUX, De AURI JUNIOR Coordenador da secretaria de juventude da FETRAF e de PIERRE BLAISE ANGO do Ministério do Camarões.

Para AURI JUNIOR o seminário é uma importante atividade para trocar experiências, saberes coletivos, fortalecer os intercâmbios entre os agricultores e fortalecer as pautas da juventude e de promoção da agricultura familiar como caminho para soberania alimentar e promoção de um projeto alternativo de desenvolvimento com base na sustentabilidade e justiça social.

O seminário terminou com uma sequência ministerial sobre as políticas públicas na presença de ministros de alguns países, dentre eles o Secretário da Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário Valter Bianchini que apresentou as políticas públicas desenvolvidas pelo governo brasileiro para agricultura familiar. A sequência ministerial teve encerramento com a participação do ministro ministro Pascal Canfin, o ministro do Desenvolvimento, ministros das Relações Exteriores, e os líderes camponeses. François Thabuis, presidente dos Jovens Agricultores e Stéphane Le Foll,

Ministro da Agricultura, Alimentação e Florestas. o evento contou com a participação de JOSE OSABA Presidente do Forum Social Mundial, da Senhora MARCELLA VILLAREAL Diretora da FAO e de OLIVIER DE SHUTTER relator especial da ONU sobre o direito a alimentação.

O Seminário aconteceu dentro da FEIRA INTERNACIONAL DA AGRICULTURA FAMILIAR(SIA) que acontece desde o dia 22, no parque de exposições de Paris/França sendo uma das mais importantes e destacadas feiras da capital francesa.

Estatual chinesa Cofco negocia compra de 51% da trading Nidera – Valor Econômico, Agronegócios. 28/02/2014

A estatal chinesa Cofco divulgou que está em negociação avançada para comprar 51% da trading holandesa de grãos Nidera.

Ao investir na Nidera, a Cofco - maior trading de grãos da China - terá acesso direto à oferta de grãos da América do Sul e Rússia. E poderá ter maior controle de preços na China.

A China gastou bilhões de dólares na última década na aquisição de ativos de commodities metálicas e de energia, mas, nos últimos anos, intensificou o investimento de ativos ligados a produção de alimentos no exterior, como a compra de fazendas na América Latina.

O valor do negócio não foi anunciado. Pessoas familiarizados com o assunto dizem que o valor total da Nidera é de cerca de US\$ 4 bilhões.

O jornal "The Wall Street Journal" disse no mês passado que a Cofco estava em negociações para comprar uma fatia minoritária da Nidera avaliada em US\$ 250 milhões, mas a empresa chinesa optou por uma participação maior durante a discussão entre as duas partes. O jornal disse que não estava claro quanto a Cofco estava disposta a pagar.

Em nota, o CEO da Nidera, Ton van der Laan disse que a empresa estava procurando um parceiro forte para expandir seus negócios na China. O presidente da Cofco, Yu Xubo, por sua vez, disse que a Nidera é uma “plataforma poderosa para aquisições” no Brasil, Argentina e Europa Central.

A Nidera é uma produtora e comercializadora global de commodities agrícolas com operações em mais de 20 países, incluindo a América do Sul. A empresa negocia cereais, oleaginosas, óleos vegetais, farelo, insumos agrícolas e produtos de bioenergia.

Argentina retoma liderança no fornecimento de trigo ao Brasil. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 28/02/2014

Depois de perder em 2013 o posto de maior fornecedor de trigo ao Brasil para os Estados Unidos, a Argentina deverá voltar ao topo da lista em fevereiro. Em meados de

janeiro, o país vizinho começou a liberar embarques do cereal e tende a encerrar o mês, hoje, com uma participação superior a 60% no volume importado pelo Brasil.

O cereal americano, contudo, não deverá sair de cena, mesmo com o ônus de 10% da Tarifa Externa Comum (TEC) cobrada para a importação feita de fora do Mercosul. Devido a mais um ano de safra magra na Argentina, a tendência é que o trigo dos EUA mantenha forte presença no mercado brasileiro.

Segundo dados da agência marítima Williams, do total de 367 mil toneladas de trigo programadas para entrar no país entre os dias 1º e 28 deste mês, pelo menos 235 mil toneladas, ou 64%, devem vir da Argentina. Outras 108,6 mil toneladas ainda serão do cereal americano - contratado antes de a Argentina anunciar a autorização para embarques, em meados de janeiro - e 64 mil toneladas de trigo do Uruguai.

No mês de janeiro, 55% do trigo importado pelo Brasil ainda foi americano - ou 316,5 mil toneladas de um volume total de 576 mil toneladas, segundo dados da Secex. Da Argentina, entraram só 26,2 mil toneladas no primeiro mês de 2014.

O país vizinho, tradicional fornecedor de trigo ao Brasil, só autorizou o embarque da sua nova safra em meados de janeiro deste ano, com quase um mês de atraso em relação à expectativa inicial do mercado. Diante da insegurança estabelecida por esse atraso, os moinhos no Brasil continuaram fechando contratos de compra de trigo americano, mesmo com a volta da cobrança da TEC, explica Lawrence Pih, presidente do brasileiro Moinho Pacífico, um dos maiores da América Latina.

Ainda assim, o volume liberado para exportação pela Argentina este ano foi, até agora, de apenas 1,5 milhão de toneladas, sendo 1 milhão para embarque imediato - 500 mil toneladas foram liberadas em meados de janeiro, e ontem o país autorizou o embarque de mais 500 mil. No ciclo passado, a Argentina liberou exportações de 5 milhões de toneladas do cereal - volume considerado excessivo pelo governo, pois meses depois faltou trigo no país.

O setor moageiro no Brasil acredita que outras 1 milhão de toneladas ainda serão autorizadas para embarque ao longo de 2014 pela Argentina. Ainda que isso aconteça, é evidente que a oferta no país vizinho não será suficiente para atender à demanda do Brasil, o que abrirá um grande espaço ao trigo americano.

O presidente do Moinho Pacífico estima que, do total de 7 milhões de toneladas que o Brasil deverá importar da commodity em 2014, pelo menos 3 milhões de toneladas ainda serão dos Estados Unidos, mesmo com o pagamento da TEC, que torna o trigo americano mais caro.

Neste momento, segundo Pih, a tonelada do cereal dos Estados Unidos vale US\$ 310 e chega ao porto de Santos (SP) a US\$ 395, após custos com frete, TEC e taxa de para renovação da marinha mercante (40% sobre o valor do frete). O cereal argentino, que custa US\$ 340 e sobre o qual não incidem esses encargos, chega ao porto paulista a US\$ 365 por tonelada.

Em 2013, o Brasil, que é um dos maiores importadores de trigo do mundo, trouxe dos Estados Unidos 47% (ou 3,4 milhões de toneladas) do total de 7,2 milhões de toneladas que importou do cereal. Para não pressionar a inflação, o governo isentou de TEC a importação de fora do Mercosul até novembro de 2013. *(Colaborou Fernanda Pressinott)*

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo,
Georges Flexor, Jorge Romano, Karina Kato,
Lauro Mattei, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado,
Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto, Valdemar João Wesz Junior

Secretária
Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

CPDA Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa